

**O NOVO NORDESTE E O NOVO TRABALHADOR: A FÁBRICA  
WILLYS OVERLAND EM PERNAMBUCO**

**Karlene Sayanne F. Araújo**  
**Doutoranda em História pela UFPE**  
**Karlene1005@hotmail.com**

**Considerações iniciais**

A fábrica de carros Willys chegou a Jaboatão em 1966. Em julho, na inauguração, já saiu o primeiro jipe produzido na primeira fábrica de automóveis do nordeste, nomeado o jipe chapéu de couro.

A Willys chegou a Pernambuco sob o signo do novo, do moderno e como responsável por alavancar o desenvolvimento econômico da região. Era a chegada da indústria moderna em Pernambuco. O discurso de construção de um novo Nordeste – industrial e desenvolvido - e de um novo homem nordestino – um homem valorizado, do trabalho urbano fabril, partia dos representantes da Willys. Um discurso alinhado aos dos militares de unificar e desenvolver o país. Era um contraponto, ou a tentativa de suplantar uma ideia de Nordeste pobre, da seca, da fome e da miséria social.

Os dirigentes da Willys difundiam ainda a ideia de uma “revolução da paz”, marcando uma posição no cenário político e construindo um significado para o Brasil pós-64. A “revolução da paz” feita pelo desenvolvimento industrial e pelo trabalho também se alinhava ao discurso do governo militar e se colocava em oposição a ideia de revolução que teria sido defendida por alguns grupos de esquerda no pré-1964 no Brasil. Setores da imprensa dos Estados Unidos e do Brasil classificaram, para aquele período, as ações dos líderes de esquerda como promotores da barbárie, que agiam por meio da violência revolucionária.<sup>1</sup> Os discursos das autoridades e os divulgados na imprensa afirmavam que o funcionamento da Willys Overland em Jaboatão contribuiria para promover a mudança pacífica na região e para construir uma nova “civilização nordestina”.

---

<sup>1</sup> VER: PORFIRIO, Pablo. *Medo, Comunismo e Revolução*. Recife: Editora da UFPE. 2009.

A fábrica empregou no primeiro ano cerca de 400 trabalhadores diretos. Empregos também foram gerados com a obra de construção da fábrica. “Mais de 100 pessoas batem à porta da Willys por dia. E muitos só levam a carteira de trabalho e uma imensa vontade de trabalhar. Não lêem, não escrevem o nome, nunca viram uma empilhadeira. Vêm de longe, atraídos pela notícia de trabalho.” (*Revista Quatro Rodas*, 1966) Assim, a imprensa registrava a procura por emprego na Willys nos primeiros meses do ano de 1966.

Era a chegada da indústria moderna em Pernambuco. A marca a construção da ideia de um novo Nordeste – industrial e desenvolvido - e de um Novo homem nordestino – um homem valorizado, do trabalho urbano fabril, dialogando diretamente com as ideias propostas pelos militares. Dava-se a largada para uma nova era de desenvolvimento, modernização e progresso que chegava ao Nordeste junto com a industrialização, deixando para trás a ideia de velho, da fome e do trabalho no campo.

Um nordeste que até a década de 1950 viveu sob a sombra, ou do sol escaldante, da seca, da produção da cana de açúcar, da presença do trabalhador rural e dos engenhos.

A seca marcante. A seca que em 1958 castigou o povo e gerou nos jornais muitas reportagens que reproduziam os velhos discursos sobre a pobreza promovida pela ausência de água e dos migrantes forçados a abandonarem suas casas e terras para não morrerem de fome e de sede. O nordeste tido como uma região pobre e subdesenvolvida: não-industrializada, sem progresso técnico.

Com o golpe civil militar, os discursos ligados a ideia de nação e desenvolvimentismo mudariam a forma dos investidores e das autoridades políticas de olhar para essa região do país. Agora, “dentro de um novo padrão de incorporação à nação, em sintonia com o emergente discurso nacional-desenvolvimentista” (TEIXEIRA, 2007) lançava-se a construção de um nordeste unido e integrado ao restante do país.

Pensando não mais na seca, mas sim na miséria social, Pernambuco receberia o apoio da Confederação Nacional da Indústria, na década de 1960. Autoridades políticas do estado diziam que construiriam um grande parque industrial e que Jaboatão seria comparada a São Bernardo do Campo em São Paulo.

### **Willys Jaboaão**

A Willys simbolizada essa indústria moderna que civiliza e constrói um novo homem.

Para o homem do nordeste, segundo reportagens nos jornais e discursos dos diretores da fábrica, a *Willys em Jaboaão assinava o fim do ciclo dos retirantes*. A fábrica lançava então, raízes em terras pernambucanas e com isso alcançaria “o verdadeiro milagre de fixar o nordestino no seu Nordeste,” com a inauguração da nova filial se tornavam parte das maiores ações sociais que a vida econômica poderia gerar na região. (*Diario de Pernambuco, 1966*)

Os relatos de memória de ex trabalhadores da Willys constroem uma memória positiva sobre o tempo trabalho na fábrica. São relatos marcados pela ideia de uma fábrica-mãe, que acolhe, que dá assistência, e de que se formou uma verdadeira família entre a Willys e seus trabalhadores. Essa ideia é registrada nos jornais na forma de pagamento de bons salários, boas condições de trabalho, de boa moradia, de acesso a saúde e de escola para seus filhos. Eram os jogos de futebol, as festas de final de ano, a distribuição de material escolar para as crianças. Eram formas de pertencimento à fábrica. Sobre a moradia, por exemplo, os documentos nos permitem dizer que parte dos trabalhadores morava em Jaboaão e Cabo de Santo Agostinho, nas proximidades da fábrica. Uma região conhecida pelo trabalho no campo, com a cana de açúcar, passava a absorver mão de obra, não qualificada, para o trabalho urbano e fabril. Um trabalho que possibilitou a Paulo Feliciano<sup>2</sup>, por exemplo, morar na praia de Candeias, juntamente com toda a família.

### **A luta dos trabalhadores na Justiça do Trabalho**

Sabe-se que as décadas de 1940 e 1950 são marcadas pelas lutas dos trabalhadores no Brasil. Com o golpe civil militar de 1964, “os trabalhadores foram à principal parcela da população alvo das perseguições políticas e de diversas medidas tomadas pelo governo ditatorial militar como ataques aos seus órgãos representativos, sistemáticas prisões, torturas, execuções, desaparecimentos, bem como a implantação de

---

<sup>2</sup> Começou a trabalhar na construção da fábrica e ficou na montadora até 1967.

uma série de medidas que levaram ao arrocho salarial e à piora das condições de trabalho” (COMISSÃO DA VERDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO), assim como destaca o relatório da comissão da verdade do estado de São Paulo, ao discutir a perseguição aos trabalhadores urbanos e o movimento operário.

O ano de 1968 é emblemático na luta dos trabalhadores do Brasil. As greves eclodiram em várias partes do país. Como por exemplo, em julho de 1968, na fábrica metalúrgica Cobrasma - Companhia Brasileira de Materiais Ferroviários, em Osasco e ficou conhecida como a greve dos três mil operários. Na região do Abc operários de outras tantas fábricas também aderiram às greves. Assim como os trabalhadores da Willys Overland. Para o historiador, Antonio Luigi Negro, “as medições de forças que as greves dos metalúrgicos de Contagem, ABC e Osasco promoveram no primeiro semestre de 1968” (NEGRO, 2004) reanimaram o movimento sindical, trazendo-o de volta ao cenário político, “ressurgindo algumas corajosas paralisações ao longo do ano.” (NEGRO, 2004)

Em Pernambuco, as agitações sociais dos trabalhadores rurais já eram de conhecimento das autoridades políticas do país e em 1968 também foi registrada uma grande greve no estado; a greve dos trabalhadores rurais do cabo de Santo Agostinho.<sup>3</sup> Entretanto, ao lado do município do Cabo, em Jaboatão, nada foi registrado sobre greves ou movimentações dos trabalhadores da Willys.

Quando perguntados em entrevistas, ex trabalhadores da fábrica são categóricos ao dizer que na Willys os trabalhadores eram disciplinados e que a fábrica era uma mãe. Não houve greve e nem organizações sindicais. A ex trabalhadora da Ford Willys, Aparecida, lembra: “os funcionários, quando havia greve de metalúrgico aqui em Pernambuco, os funcionários da Ford brigavam com o sindicato na porta que era para entrar, porque eles pagavam direitinho, a Ford era uma mãe, então eles brigavam realmente com o pessoal do sindicato para entrar, teve uma vez que teve até tiro, porque o sindicato queria segurar a gente de todo o jeito, e todo mundo entrou para trabalhar” (ENTREVISTA; FILHO, 2016)

---

<sup>3</sup> Ver: MELO, Camila Maria de Araújo. Entre dois senhores: o patrão e a fome – as greves dos trabalhadores rurais no cabo de Santo Agostinho – PE, 1966 – 1968. *Dissertação*. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. 2018.

A luta dos trabalhadores da Willys de Jaboatão pelos seus direitos, neste trabalho, é vista a partir dos processos trabalhistas impetrados na Junta de Conciliação e Julgamento e Jaboatão. A não presença das greves, reuniões e organizações sindicais não anula o movimento dos trabalhadores fabris na busca pelos seus direitos.

A memória festiva construída por alguns ex trabalhadores da fábrica, a disciplina e até mesmo a apatia diante aquelas configurações políticas, não fecha as discussões sobre o trabalho e cotidiano fabril na Willys. O acesso aos processos da Junta de Conciliação e Julgamento de Jaboatão nos permite ver a Willys ora como reclamada, ora como reclamante em dezenas de processos trabalhistas.

Os processos trabalhistas, impetrados na JCJ de Jaboatão e JCJ de Recife, nos apresentam personagens e histórias que nos possibilitam entender o funcionamento da fábrica de Jaboatão.

A primeira história que contaremos é de Wilson Soares, que antes era comerciário, foi contratado pela Willys em 16 de agosto de 1965, seis meses após o lançamento da pedra fundamental da construção. No novo emprego, Soares executava a função de guarda-líder, uma espécie de vigia de obra.

No Proc. 1242/67 da 5ª Junta de Conciliação e Julgamento de Recife, consta que ele foi empregado do Departamento de Peças da Willys. Situado na cidade de Olinda, esse departamento abastecia as revendedoras de carros Willys em Recife e em Caruaru. Contratado para trabalhar em Olinda, mais próximo de sua casa, localizada no bairro de Água Fria, zona norte do Recife, Wilson foi remanejado de sua função inicial para ser vigia da obra de construção da fábrica, localizada no km 19 da Br 101, em Jaboatão.

O trabalhador impetrou processo trabalhista contra a Willys Overland, alegando ter sido demitido sem justa causa e sem receber seus direitos trabalhistas, no dia 20 de julho de 1967. Trabalhava diariamente entre 8 e 12 horas, carga-horária que gerou horas extras (PROCESSO nº 1242/67). Teria sido Wilson obrigado pela empresa a transferir-se para sua nova função em Jaboatão? Ou mesmo, teria sido o trabalhador convencido pelos anúncios de progresso que chegavam daquela região do estado?

A reclamação trabalhista reivindicava o pagamento de indenização por tempo de serviço, aviso prévio, férias, 13º salário, horas normais (de salários retidos) e horas extras. Em audiência, a reclamada alegou que o trabalhador desempenhou com

negligência as suas funções e teria dormido no horário de trabalho. Para a 5ª JCI de Recife, a reclamada não conseguiu provar que Wilson Soares cometeu falta grave que justificasse a demissão por justa causa. O reclamante levou duas testemunhas, que afirmaram em juízo nunca o terem visto dormindo no trabalho. Embora as duas testemunhas da reclamada tenham confirmado terem visto Soares dormir no horário de trabalho, para o juiz do processo, não foi possível provar reincidência do ato. O trabalhador conseguiu provar que de quatro em quatro semanas trabalhava em horário superior ao normal.

As partes não entraram em acordo. O processo foi julgado procedente em parte. O reclamante recebeu o valor referente a indenização por tempo de serviço, aviso prévio de 30 dias, 13º salário de 1967, um período completo de férias, acrescida de horas extras, dos juros de mora legal e da correção monetária, além dos honorários de seu advogado e sua assistente judiciária. Sabe-se que houve um recurso no TRT da 6ª região.

Talvez Wilson Soares tenha conhecido nosso segundo personagem, Paulo Feliciano, durante a fase de construção da fábrica.

Feliciano vivia em São Paulo, onde era operário na *Pfizer do Brasil*, empresa farmacêutica, e regressou a Pernambuco para ser contratado pela Willys em maio de 1966. A viagem de regresso de Feliciano e sua família foi registrada em reportagem da Revista *Quatro Rodas* de junho de 1966, cujo título era “Jipe de Chapéu de Couro revolucionaria Jaboatão - Bom dia, progresso.” (*Revista Quatro rodas*, 1966) Segundo a revista, o trabalhador, pai de cinco filhos, teria dito a sua esposa: “Maria, vamos s’imbora prá Jaboatão, já vendi tudo de casa. Só vamos levar as redes, os troços da cozinha e as roupas. Pai mandou dizer que tão botando uma fábrica lá e tem emprego para todo mundo.” (*Revista Quatro rodas*, 1966)

Ainda de acordo com a revista, Paulo Feliciano passou a trabalhar como operador de empilhadeira nas obras de construção da fábrica. “Está morando na Praia de Candeias, os meninos só saem da água para irem à escola e a mulher ficou boa da asma assim que chegou” (*Revista Quatro rodas*, 1966), afirmava a reportagem. A nova vida de Paulo Feliciano era, segundo a *Quatro Rodas*, o resultado do progresso gerado pela

industrialização. Emprego, moradia, escola para as crianças, saúde para a família já estavam sendo assegurados.

Diversos trabalhadores devem ter migrado para trabalhar em Jaboatão movido pela expectativa do crescimento e do progresso. O futuro, enquanto conquista de algo melhor, parecia estar naquela cidade.

No anúncio do jornal, o poema de João Grilo dizia:

Prodígios também eu narro.  
Acabo de ver ó gente!  
Um engenho diferente,  
Que, em vez de açúcar, faz carro (*Diario de Pernambuco, 1966*)

A propaganda feita por João Grilo diz que ele viu um engenho que ao invés de açúcar fazia carro. O carro que ao longo da história do Brasil, principalmente a partir dos anos 1950 e 1960, tornou-se um dos principais símbolos, para setores da sociedade e do Estado, de esperança de crescimento e formação de um país moderno e desenvolvido, (WOLF, 2010) pode ter contribuído para atrair os trabalhadores para a fábrica.

Em Jaboatão, na segunda metade da década de 1960, a montagem de carros foi intensa. O trabalho na linha de produção começava às 07 horas da manhã e terminava as 17:00 horas todos os dias, de segunda a sexta-feira, “o sistema era bem rigoroso, todo dia teria que sair 35 carros, e ficar 35 carros na funilaria para o dia seguinte, sair em processo da pintura, o fosfato para pintar e a gente pegar outros 35 carros na linha”. (ENTREVISTA; BARBOSA, 2018)

Sobre o trabalho na montagem dos carros, no dia 14 de junho de 1968, Ivaldo Salviano Machado impetrou reclamação trabalhista contra a Willys. O trabalhador reivindicava o direito de receber seu pagamento referente a dois dias de suspensão que lhe foi dado pelo chefe da sessão. Ivaldo Machado afirmou ter trabalhado 10 horas quando o chefe mandou que ele montasse mais um carro. Entretanto, para o trabalhador aquele carro era parte da produção do dia seguinte e que não ia montá-lo. No dia 9 de

julho daquele ano, a ação foi arquivada pela JCJ de Jaboatão. O trabalhador não apareceu para audiência. (PROCESSO 0555/68)

O trabalhador não compareceu a audiência de conciliação. Por ter sido arquivado, o processo trabalhista não nos dá mais indícios da relação de trabalho entre Ivaldo Salviano Machado e a Willys. Mas, nos indica como era organizado e realizado o trabalho na linha de montagem.

O processo de Ivaldo havia sido encerrado. Ainda falta o desenrolar das histórias dos nossos primeiros personagens. Depois de dois anos e meio de aparecer como protagonista da reportagem da Revista *Quatro Rodas* sobre a instalação da fábrica em Jaboatão, Paulo Feliciano foi demitido. O pedido de homologação da sua rescisão contratual tramitou na Junta de Conciliação e Julgamento de Jaboatão. O que ocorreu com Feliciano e sua família? Não sabemos. Poderia voltar a trabalhar em São Paulo. Seria empregado em outra indústria da região ou na atividade açucareira. Ou ainda, no pior cenário, estaria desempregado por um período. De todo modo, seguiria a saga do trabalhador em busca do seu sustento e de sua família. A Willys não era mais a fonte para manter a moradia, escolas das crianças e saúde da família, conquistas, que segundo a *Quatro Rodas*, tinham sido asseguradas pelo progresso industrial da região. Caso não tivesse outro emprego, estaria Feliciano, provavelmente, em condição financeira precária novamente.

Pelas informações de sua rescisão, Paulo Feliciano recebera quase dois salários mínimos como trabalhador da fábrica. Consta que o valor de seu salário pago pela Willys era de NCr\$ 254,40, enquanto o salário mínimo definido pelo Decreto nº 62461/1968 era de NCr\$ 129,60. Quando foi demitido, o trabalhador recebeu indenização, aviso prévio, 11 dias de férias, 13º salário e 3/12 avos do prejulgado 20. Não havia registros de salários atrasados. Aplicados os descontos, como a contribuição para o INPS, recebeu o valor líquido de NCr\$ 404,90, o que corresponderia a pouco mais de três salários mínimos (PROCESSO 1168/68). Ou seja, um salário mínimo a mais do que recebia mensalmente na fábrica.

No ano anterior, em julho de 1967, Wilson Soares foi demitido da Willys Overland. O trabalhador, que apresentou reclamação na Junta de Conciliação e Julgamento do Recife, afirmava ter sido demitido sem justa causa. O processo

trabalhista tramitou em três momentos. Em 1967 na JCJ de Recife. No ano seguinte, seguiu para o Tribunal Regional do Trabalho 6ª Região. E em 1969, retornou a JCJ de Recife. O argumento para a demissão por justa causa apresentado pelo representante da Willys era que Wilson Soares teria agido com *desídia* (PROCESSO nº 1242/67), o que justificaria a demissão. Essa tese não se sustentou diante dos magistrados da primeira e segunda, instâncias.

A reclamação trabalhista de Wilson Soares seguiu para o Tribunal Regional do Trabalho 6ª região, porque não houve conciliação na JCJ do Recife e a empresa recorreu. O trabalhador foi atendido em grande parte das suas reivindicações, como recebimento de indenização por tempo de serviço, aviso prévio, férias, 13º salário, salário família, adicional noturno e horas extras.

Além de acusar o trabalhador de *desídia*, os representantes da reclamada no processo utilizaram o argumento de que a JCJ de Recife não era o fórum para tal tramitação, uma vez que Wilson Soares prestava seus serviços em Jaboatão. No entanto, ele foi contratado para trabalhar em Olinda e sua carteira foi assinada no escritório da empresa em Recife. Os magistrados da primeira e segunda, instâncias julgaram improcedente o argumento e assim fracassou a estratégia dos advogados da Willys para invalidar o processo.

Derrotada na primeira instância, a Willys recorre ao TRT 6ª região usando das mesmas estratégias. Desqualificar o trabalhador e o fórum a que ele recorreu para reclamar. A sentença da JCJ de Recife foi mantida e o trabalhador deveria receber os valores correspondentes aos direitos trabalhistas não pagos, com correção de juro e mora, que totalizou NCr\$ 900,00.

Os debates devem ter sido intensos entre representantes da Willys e do trabalhador. As folhas paginadas do processo registram até o número 132. Desse total apenas 22 se conservaram arquivadas. A maioria dos registros dessas falas, incluindo os testemunhos de outros trabalhadores, foi perdida. As informações muito sucintas dos depoimentos podem ser acessadas apenas pelos textos de decisão dos juízes.

Em 1969, o processo sofre uma reviravolta. A Willys não paga o valor referente às horas extras e recorre novamente a JCJ de Recife. Provavelmente, o trabalhador também foi surpreendido. Apresentando novos documentos e cálculos que não estão

disponíveis no processo, os advogados da Willys Overland afirmaram que a empresa havia pagado mais que três vezes a quantidade de horas extras reclamadas por Wilson Soares. Desse modo, o Juiz da JCJ de Recife afirma: “Recebeu [o trabalhador] mais do que pretendia, eis que não trabalhou outras horas extras, além daquelas mencionadas na sentença, como disse em seu depoimento. O que ocorreu pelo que se deduz, é que a reclamada na fase de instrução da Reclamação não comprovou o pagamento, daí a condenação, como diz, claramente, a fundamentação da decisão”. (PROCESSO nº 1242/67)

Como afirmamos diversas páginas não existem no processo. Nelas deviam constar a forma como a empresa, passados dois anos do julgamento da primeira instância, comprovou que o trabalhador recebeu “mais do que pretendia” de horas extras, segundo a sentença do juiz, que já não era o mesmo que condenou a Willys em 1968 na mesma JCJ de Recife. Pela breve sentença do juiz, por sua dedução, parecia obvio que a empresa apenas não havia conseguido comprovar o pagamento e não que ela realmente devia ao trabalhador. Talvez a imagem positiva de progresso e desenvolvimento, produzida pelas propagandas da Willys em Pernambuco, tenha contribuído na formação do pensamento dedutivo do magistrado.

### **Considerações finais**

Paulo Feliciano e Wilson Soares estiveram na construção da fábrica que representaria o progresso. Foram demitidos durante os dois anos seguintes ao início de funcionamento da produção de carros. No ano seguinte das duas demissões, Antonio Justolino chegou para o trabalho na fábrica, em maio. Em entrevista, nos contou não ter ouvido falar nem de Paulo, nem de Wilson, nem de Ivaldo. Começava no ano de 1969 a relação trabalhista com a fábrica, ele permanece trabalhando nas mesmas instalações, hoje, pertencente ao Grupo Fiat. Aos 75 anos de idade, Antonio Justolino continua no setor de montagem, agora do componente, chicote elétrico, que é instalado no carro JEEP, produzido em Goiana. Entre histórias contadas pelo trabalhador, as memórias enaltecidas da Willys e da Ford permeiam as suas lembranças.(ENTREVISTA, BARBOSA, 2018)

Os discursos e as imagens do progresso, que buscavam oferecer um significado para a instalação da Willys Overland em Jaboatão, mobilizaram acordos políticos, apoios financeiros e migração de trabalhadores que deviam sonhar com melhores condições de vida. Havia uma engrenagem discursiva que desejava oferecer uma perspectiva de futuro, a região e seus moradores e que se daria por meio do trabalho, sem revoluções políticas.

### Referências

COMISSÃO DA VERDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Relatório*. Tomo I. Parte II. A perseguição aos trabalhadores urbanos e o movimento operário.

MELO, Camila Maria de Araújo. Entre dois senhores: o patrão e a fome – as greves dos trabalhadores rurais no cabo de Santo Agostinho – PE, 1966 – 1968. *Dissertação*. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. 2018.

NEGRO, Antonio Luigi. *Linhas de Montagem: o industrialismo nacional-desenvolvimentista e a sindicalização dos trabalhadores (1945-1978)*. São Paulo: Boitempo, 2004.

PORFIRIO, Pablo. *Medo, Comunismo e Revolução*. Recife: Editora da UFPE. 2009.

VÊM DE LONGE. *Revista Quatro Rodas*. 1966.

TEIXEIRA, Flávio W. *O Movimento e a linha: presença do Teatro do Estudante e do Gráfico Amador no Recife (1946-1964)*. Recife: Ed. UFPE, 2007.

WOLF, Joel. *Autos and Progress: The Brazilian Search for Modernity*, Oxford University Press USA - OSO, 2010. ProQuest Ebook Central.

<http://ebookcentral.proquest.com/lib/vand/detail.action?docID=3053782>.

Created from vand on 2018-09-04 06:35:34.

BARBOSA, Antonio Justolino. Entrevista realizada no dia 27 de março de 2018. Cidade de Jaboatão dos Guararapes. Fábrica TCA. Pesquisadora: Karlene Araújo

FILHO, José Matias de Lima Filho; CIDA Entrevista realizada no dia 15 de setembro de 2016. Cidade de Paulista. Pesquisadora: Karlene Araújo

JIPE CHAPÉU DE COURO REVOLUCIONA JABOATÃO. *Revista Quatro Rodas*. 1966.

JUNTA DE CONCILIAÇÃO E JULGAMENTO DE JABOATÃO. PROCESSO 0555/68. Acervo do Laboratório História e Memória da UFPE e TRT 6ª região- LAHM.

JUNTA DE CONCILIAÇÃO E JULGAMENTO DE JABOATÃO. PROCESSO 1168/68. Acervo do Laboratório História e Memória da UFPE e TRT 6ª região- LAHM.  
5ª JUNTA DE CONCILIAÇÃO E JULGAMENTO DO RECIFE. PROCESSO nº 1242/67. Acervo do Laboratório História e Memória UFPE/TRT 6ª Região. CFCH/UFPE.

WILLYS EM JABOATÃO ASSINALA O FIM DO CICLO DOS RETIRANTES. *Diário de Pernambuco*. 29 de julho de 1966. P.4. Segundo caderno